

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1. Nova coleção deve ser inaugurada em breve; Misa Acústico também retorna

ACERVOS QUE REVELAM HISTÓRIAS

LARISSA BASTOS
REPORTER

Uma dessas imagens raras, diz José Márcio Passos, era a que mostrava uma cena inusitada: um grupo de italianos trabalhando no nas ruas. A imagem se perdeu e não está mais por lá, mas o ex-diretor conta que, para surpresa de muitos, ela já esteve entre os arquivos do agora aniversariante Museu da Imagem e do Som de Alagoas.

“Era uma foto da época da Segunda Guerra Mundial. Os italianos eram inimigos do Brasil, pois estavam junto com Japão e Alemanha. Então eles estavam presos, fazendo trabalhos forçados, e, para não esconderem nada nas roupas, eles trabalhavam nus. Existia essa foto, uma preciosidade. Mandei uma carta para o Bráulio Leite, mas ele já vivia recluso e não me deu resposta. Essa foto não está lá. Mas disse que já esteve”.

Apesar de não ser mais possível achar o registro, Zé Márcio cita ainda outras pérolas escondidas no Misa, que recebe uma média de 400 visitantes por mês – na alta temporada esse número pode chegar a 900. “Tem o que eu cha-

mo de laptop da época, um computador enorme, parece uma vitrola antiga. Também o acervo do Edécio Lopes, que realmente é de tirar o chapéu”, diz.

Já para o atual diretor, Fernando Lôbo, a riqueza está mesmo nas fotografias antigas. Memórias palpáveis que revelam as mudanças pelas quais passaram a capital alagoana, como a urbanização da Praia de Pajuçara, a destruição do casario histórico de Maceió e o ordenamento de bairros históricos, a exemplo de Centro, Bebedouro, Poço e do próprio Jaraguá.

“O mais precioso, que é o que as pessoas mais correm para ver, é o acervo fotográfico. Ele não só registra as paisagens, mas o cotidiano. Temos, por exemplo, uma quantidade enorme de fotografias de bailes festivos, de carnavais, eventos cívicos. Tem também o registro do percurso que Maceió se permitiu na medida em que passou pelas mudanças urbanas, com fotografias destacadas da Praia da Avenida, que era a praia que as pessoas frequentavam, e depois da Pajuçara, para onde houve a migração”.

Para ele, porém, o xodó parecem ser mesmo o acervos especiais deposita-

dos no museu. Um deles é, como já citado, o do radialista Edécio Lopes. Ao todo, são mais de 12 mil itens, entre livros, discos, troféus, scripts de programas, camisetas de time de futebol e títulos de cidadão honorário – apesar de ser pernambucano, ele colecionava desses por onde quer que passasse.

Até um miniestúdio foi montado no espaço, com equipamentos utilizados no rádio de antigamente e com direito a cadeiras de auditório, como acontecia nos tempos de ouro. O objetivo é não só guardar, mas mostrar ao público o rico material acumulado pelo radialista, que veio para Maceió na década de 1960 e trabalhou em emissoras como Gazeta, Progresso, Pajuçara e Educativa FM.

“Após a morte dele, a família fez a doação e somos os depositários disso tudo. Organizamos os livros, limpamos os discos e agora estudantes da Ufal [Universidade Federal de Alagoas] estão fazendo estudos nos scripts dos programas”, conta Lôbo, lembrando que outros acervos importantes são o do jornalista Walmir Calheiros e o do historiador Geraldo de Majella. “Ele morou durante dez anos em Moscou, e esse material da presença dele enquanto líder estudantil está aqui”.

Documentos e vídeos do também jornalista Freitas Neto, morto em um acidente de avião enquanto voltava de Cuba, e do industrial e engenheiro agrônomo Alfredo Cortez, como vinis e equipamentos eletrônicos, ainda podem ser encontrados no espaço, que, por mais que esteja cheio, não pretende parar por aí, não.



Um dos acervos disponíveis, o de Edécio Lopes traz materiais do radialista



Eduardo Lôbo destaca qualidade dos arquivos guardados no local

MUSEU DEVE GANHAR NOVO ACERVO

Uma nova tratativa deve levar ao Misa o que, para Fernando Lôbo, seja talvez o acervo mais importante de audiovisual já recebido pelo museu: o material colecionado, durante toda uma vida, pelo médico cirurgião Raimundo Campos. Leia-se aí fitas e gravações raras de grandes artistas brasileiros, que, de passagem pela capital alagoana, davam sempre uma parada na casa dele, onde foi montado um moderno estúdio.

“Talvez esse seja o maior em termo de importância, não desmerecendo os outros. O Raimundo era uma pessoa muito antenada com a questão de audiovisual e tinha em casa, na Avenida Fernandes Lima, um estúdio profissional que recebia quase todos os artistas brasilei-

ros que vinham a Maceió, principalmente em projetos como o Pixinguinha e o Seis e Meia”, conta ele.

Quem vinha para shows normalmente ia à moradia do médico para tirar um som, gravar um depoimento. Os daqui também estavam no bolo. Tanto que, entre os materiais, há arquivos de nomes como Leureny, Setton Neto, Roberto Becker, Geraldo Lopes. Há ainda Carmélia Alves, Cartola, Fagner, Amelinha e até mesmo Djavan ainda nos tempos de estudante de um colégio estadual.

“Esses documentos estão nesse acervo, que está sendo inventariado. Estamos com uma biblioteca e uma pesquisadora da universidade fazendo esse inventário e, quando estiver concluído, ele vem pra cá. Os artistas fazi-

am verdadeiros recitais e depois pretendemos, por meio de um projeto com a Secretaria de Comunicação, transformar tudo isso em mídia digital para preservar e ser compartilhado com a população”.

A expectativa é que o novo recanto seja inaugurado em dezembro. A iniciativa partiu da família – um dos filhos de Raimundo trabalha com um dos rebentos de Edécio, que foi quem deu a ideia. “Ele foi um curioso, um homem muito antenado. Todos os equipamentos mais modernos que saíam, que geralmente só as emissoras possuíam, ele tinha na casa dele, além de uma biblioteca importantíssima especializada em rádio e cinema e quase 800 discos de vinil, preciosidades”, completa o diretor. LB



José Márcio Passos foi o criador do Misa Acústico

MISA ACÚSTICO VOLTA AOS POUCOS

Acontece que nem só de passado se faz museu. No Misa, há espaço também para o presente – e um presente bem musical, diga-se de passagem. Depois de vários anos parado, vem voltando, aos poucos, o projeto Misa Acústico, que aproveita o espaço para trazer ao público o que há de melhor na música. Na primeira versão, as sessões aconteciam semanalmente. Agora elas são mensais, sempre na última sexta-feira.

Serão oito apresentações, que acontecem até junho do ano que vem, com uma pausa entre novembro e março. O único a subir ao palco foi Willbert Fialho, mas também estão na lista Bruno Palagani – no dia 30 de setembro –, Elisabete Nascimento, Luciano Trindade, Ricardo Jorge da Silva Pereira, Edilson Ribeiro João de Deus, Lucy Muritiba e Januário Leite.

Idealizador da ação, que começou em sua gestão, Zé Márcio conta que teve a ideia porque queria “fazer diferente”. “Quando assumi a diretoria, pensei: ‘tenho nas mãos uma joia’. É um espaço fantástico. Então pensei: ‘por que não se faz um trabalho que diga o que

faz o Museu da Imagem e do Som?’ Com Júnior Almeida e o Júlio Campos, criei o Misa Acústico”.

Em sua primeira edição, foram 93 shows, numa parceria com a Secretaria Municipal de Turismo, que pagava o aluguel do som. O cachê ficava por conta da Secretaria de Estado da Cultura, que sempre atrasava os repasses. Chegou o tempo de demorar seis meses para pagar os músicos e a iniciativa acabou morrendo na praia. Não sem antes ser considerada sucesso.

“Deu tão certo que os shows começaram a circular pelo Estado. De repente tinha um show que estourava, dava 300 pessoas. Um dia o secretário foi ver o show do Bozo e perguntou se eu era maluco. Ele me pediu pelo amor de Deus que não deixasse mais de 150 pessoas lá, porque a gente não sabia se a estrutura aguentava. Também me disseram: ‘Zé, pede pro Bozo não pular, porque, quando ele pula o coco, dá problema na fiação do tório’, relembra Zé Márcio, entre risos. “A população não vai lá porque não tem conhecimento. Se tiver motivação, as pessoas visitam”, sentencia. LB

FUNCIONAMENTO

- Terças, quartas e quintas: das 8h às 17h
- Sextas: das 8h às 22h [o Museu faz parte do projeto Jaraguá Vivo]
- Sábados, domingos e feriados: das 13h às 17h
- Às quartas acontece, às 12h30, o Cine Misa, com filmes nacionais
- O acesso é gratuito e, se houver necessidade, grupos podem ser agendados
- Números pequenos de visitantes são recebidos sem agendamento prévio
- Todas as visitas são guiadas